

# O Brasil num cenário menos sombrio

Qualquer um pode mostrar otimismo numa crise, sem causar grande impressão, mas presidentes de bancos centrais são seres diferenciados, parecidos com bedéis de escolas conservadoras. Isso dá um valor especial às declarações do presidente do Bundesbank, Hans Tietmeyer, em Basileia, na Suíça. Num entrevista, no final da reunião de autoridades monetárias do Grupo dos Dez países mais ricos, ele apontou três sinais positivos no quadro internacional: a turbulência financeira parece ter amainado, os problemas de crédito estão menos graves e as medidas propostas pelo governo brasileiro estão no rumo certo. Se forem aplicadas adequadamente, poderão deter o chamado "contágio" da crise asiática, evitando a queda do dominó brasileiro. Mas, como convém a um presidente do mais poderoso banco central da Europa, ele acrescentou advertências. A situação mundial ainda é muito delicada e, por isso, é preciso manter precaução. Há uma desaceleração na economia dos países industrializados, "parte por causa dos efeitos da situação nos países emergentes". Aqui entra o interesse prioritário pelo Brasil no momento. Além disso, falta o governo japonês tomar medidas mais eficazes para ativar a demanda interna.

Brasil e Japão continuam, portanto, ocupando uma posição de relevo nas preocupações das autoridades financeiras do Primeiro Mundo. O primeiro, por ser o ponto escolhido para deter o contágio, o segundo, por ser um grande motor com potência reduzida, que precisa acelerar para recuperar a Ásia. O problema brasileiro é provavelmente o mais premente. Se a crise derrubar a maior economia da América Latina, com um Produto Interno Bruto (PIB) da ordem de US\$ 800 bilhões, encolherão mercados importantes para a reaceleração das economias do Primeiro Mundo. Daí o apoio generalizado ao pacote de socorro centrado no acordo entre Brasil e Fundo Monetário Internacional (FMI).

Mas a estagnação japonesa também tem enorme significado. Se o consumo crescer no Japão, abrindo espaço a mais importações, a recuperação dê toda a Ásia será bem mais fácil e mais veloz. Além disso, o peso imposto a norte-americanos e europeus, nesta crise, poderá ser aliviado. Autoridades norte-americanas vêm cobrando, há meses, maior participação européia na absorção de exportações da Ásia. O balanço de pagamentos dos países da União Européia tem hoje, segundo mostram os norte-americanos, muito mais espaço para acomodar o co-

mércio com economias emergentes. As autoridades dos Estados Unidos têm uma forte motivação política para insistir nesse ponto. Vêm crescendo rapidamente, no mercado norte-americano, as pressões por medidas protecionistas. A recente reação contra as importações de aço japonês, russo, brasileiro e sul-coreano é parte desse movimento. Se o próprio Japão se movimentar e consumir mais produtos estrangeiros, a situação dos mercados será mais facilmente administrável. Se a segunda maior economia do mundo der sinais de maior vitalidade, as perspectivas de todos ficarão bem melhores.

As pressões inflacionárias parecem amortecidas na maior parte do mundo. Mesmo na Ásia, onde houve desvalorizações cambiais consideráveis, o aumento de preços acabou sendo menor do que o esperado no momento inicial. A inflação disparou na Rússia, alimentada tanto pela desvalorização cambial quanto pela emissão recente de moeda. Nesse ambiente, a pressão resultante da perda de produção agrícola está sendo, como se podia prever, bastante forte. O efeito poderá ser atenuado, em parte, pelos programas de

ajuda alimentar montados no Primeiro Mundo. De modo geral, a expectativa, na maior parte dos mercados, é de pouca agitação nos preços. Para o petróleo, a expectativa é de estabilidade ou novas quedas.

Também no Brasil a inflação, deverá continuar controlada e muito baixa, na vizinhança de 1% ao ano em 1999. Isso dá ao governo alguma folga para se concentrar noutros problemas. Com preços praticamente estabilizados, será mais fá-

cil até algum ganho extra de competitividade, na administração cambial. Mas a inflação baixa, no caso brasileiro, só será uma conquista definitiva, ou duradoura, se o déficit público for eliminado ou consideravelmente reduzido. Quanto a esse objetivo, as instituições multilaterais, como o FMI, e os países do Primeiro Mundo só podem fornecer uma ajuda indireta. O socorro financeiro será importante para o Brasil atravessar a fase mais difícil da crise, mas a tarefa central, a superação dos problemas fiscais, depende apenas da disposição, da competência e da visão das autoridades internas – de todos os Poderes e de todos os níveis de governo.

**Ajuda financeira e melhora da cena mundial auxiliam, mas nada substitui o esforço de ajuste interno**